

O CURRÍCULO COMO MEDIAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PROPOSTA DE UMA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS

Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino *

Eu gostaria de reiterar a alegria e satisfação de estar aqui, de expressar esse sentimento de estar em casa, de estar reencontrando aqui colegas, alunos, ex-alunos e companheiros de outras jornadas. Com efeito, minha relação com a PUC de Campinas vai além do profissional, tenho uma identificação e um carinho muito grandes para com ela, sinto-me também ligado a sua história. Por isso sempre que a oportunidade ocorre, é com muita satisfação que eu venho aqui. Embora não tenha podido continuar trabalhando aqui na PUC, de onde saí em 1981, ainda me ligo a ela com muita solidariedade. Esta universidade foi um fórum onde eu tive a ocasião, com tantos outros colegas, representados aqui pelo Padre Haroldo, de discutir as questões relacionadas ao significado da educação e do ensino no Brasil, objeto constante de debate nosso aqui nesta instituição. Gostaria de frizar que felizmente tive a presença de espírito de pedir ao professor Frota de falar primeiro, se não nós já iríamos começar caindo numa contradição, pois se eu começasse a falar sobre os aspectos filosóficos da questão, nós já estaríamos partindo do geral para o específico, o que não cabe na abordagem de um problema como este do currículo e da educação.

Na verdade o único apriori que nos conduziu na construção desta proposta de licenciatura experimental é ainda mais radical, pois não é só aprender que a gente aprende fazendo, nós só existimos, agindo, fazendo. A condição do ser humano como ser que faz e que se faz fazendo, é, para a filosofia contemporânea, alguma coisa de fundamental porque não existe uma existência prévia, não existe um modelo algo pronto que está só se desabrochando; ao contrário, o homem é aquilo que ele se faz.

* Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - SP

Vocês viram pelo exemplo que o professor Frota deu, como é que a evolução biológica, a evolução dos seres vivos, como o agir dos seres vivos ia levando esses seres vivos a adquirirem determinadas feições, determinadas características, mediante as leis da evolução e pela seleção natural. Quando a humanidade entra em cena nesse processo todo de evolução, a evolução ganha uma outra dimensão, a prática que empurra para a frente o processo não é mais simplesmente aquele jogo de forças puramente biológicas, puramente físicas, expressas nas leis, ele passa a ser o processo cultural, o processo social.

Na verdade o grande problema que nós estamos enfrentando, na minha opinião, com essa questão do ensino, é que nós por nossa tradição, pela própria história da cultura ocidental, nós temos muita dificuldade em entender que o conhecimento, que a teoria, é também uma prática, é uma ação. Nós poderíamos dizer que toda a nossa subjetividade, toda a nossa consciência, todo o conhecimento nasce, surge, emerge, embutido nas necessidades da ação; só que não é mais aquele esquema que leva, por exemplo, a necessidade de um espermatozóide mais forte que vai provocar determinada mudança na anatomia dos seres vivos.

As nossas necessidades, que diariamente exigem de nós uma resposta, uma ação, vão fazendo com que essa subjetividade se torne uma estratégia de sobrevivência, uma mediação da existência. Isso é um dado histórico, infelizmente pouco reconhecido pela nossa tradição, o que não se deve anatematizar, mas é preciso compreender e tirar as conclusões desse processo histórico. Nós viemos de uma tradição que, quando usou o conhecimento pela primeira vez, entendeu que todo esse equipamento da nossa subjetividade era exatamente motivado por essa presença em nós de um outro de nós mesmos que seria uma substância, uma essência, que seria uma alma; alguma coisa que exatamente não era nós.

Com todo o adiantamento da cultura ocidental, nós saímos da alma mas caímos no cogito. Essa situação permanece ainda hoje, neste fim de século, pois quando discutimos essa questão, nós achamos que o conhecimento é uma espécie de contemplação, é uma espécie de transparência, alguma coisa que brilha. Não é sem razão que a imagem

preferida da filosofia ocidental e da ciência ocidental é sempre essa analogia da visão, porque é alguma coisa que a gente vê, a luz. É algo que nós contemplamos, assim como os olhos contemplam as realidades, os fenômenos, a nossa alma, o nosso espírito, o nosso cogito contempla os conceitos, contempla as idéias. É a nossa tradição.

O que nós estamos tentando agora, utilizando a mesma ferramenta, porque a única ferramenta de que dispomos é o conhecimento, nós estamos buscando fazer com que esse conhecimento nos mostre que inclusive ele, conhecimento, é uma prática; e uma prática que se constrói ao longo do tempo, portanto historicamente, e em equipe, isto é, socialmente. O conhecimento não é um clique, um insight, como dizem os psicólogos, é um processo que é possibilitado por esse equipamento de que nós dispomos, que nos permite construir tudo aquilo que nós estamos pretendendo conhecer.

Então, o que é preciso ter bem presente, quando se discutem as reformas curriculares, quando se discutem os projetos educacionais, que não se trata de colocar em pauta uma visão melhor que as outras visões, não é esse espelho de teorias que está em jogo, portanto não é a beleza arquitetônica da grade curricular, não é esse conjunto de teorias que está em questão, o que está em questão é a prática efetiva do conhecimento.

O professor Frota disse isso de uma maneira muito concreta. A reforma do currículo se faz necessária porque todos nós estamos sentindo que as coisas não estão funcionando bem, e a questão que se coloca é como todo este investimento que é feito nos estudantes, no processo educacional, tem um retorno tão pequeno. Certamente, porque nós estamos querendo que as pessoas aprendam pura e simplesmente de maneira contemplativa. Entendo que é preciso trabalhar essas questões a partir de uma equação de base, valendo para o professor e para o aluno. Ensinar e aprender é um processo que lida com o conhecimento, com isso todos concordam, mas lidar com o conhecimento, exercer essa atividade do conhecer, é construir um objeto, seja um copo de plástico, seja um conceito de filosofia, tudo isso é construção, construção de um objeto.

Mas o que é construir o objeto? Construir o objeto é pesquisar. Então a relação entre ensino e pesquisa, entre ensino/aprendizagem e pesquisa, não é uma relação retórica. Nós sabemos que a universidade é definida como lugar de ensino, pesquisa e extensão, isto é verdadeiro porque ensino sem pesquisa não é ensino. Não pode haver ensino e não pode haver aprendizagem, por mais brilhantes que sejam os professores, sem atividade sistemática de investigação. Igualmente, a atividade de extensão que não brote de uma produção de conhecimento por aquela comunidade especializada que é a universidade, não é extensão propriamente dita, é assistencialismo e, conseqüentemente, é outra forma de dominação.

O que essa proposta nossa pretendeu implementar e o que a gente está defendendo como referências teóricas para esse tipo de proposta, para a construção do projeto pedagógico, é exatamente isso, o processo de ensino-aprendizagem assim como todas as demais atividades humanas têm que se dar como processos do fazer, têm que ser processos da prática, porque nós só somos pelo que nós agimos.

Portanto, tudo o que vai acontecer conosco vai depender exatamente da nossa ação. O agir segue o ser, o agir decorre do ser, dizem os metafísicos clássicos; com toda a admiração que eu tenho por Santo Tomás, ele está redondamente equivocado, é exatamente o contrário, é o ser que decorre do agir, no caso do homem, no caso do homem como ser histórico. Não é porque a bananeira produz banana e por esse fato descobrimos que ela assim o faz porque tem uma essência de bananeira, que podemos concluir que o homem deve agir de uma determinada maneira em função de uma essência humana, de uma natureza humana, como nós gostávamos de falar, do ponto de vista da metafísica.

Assim, o professor, costumo dar esse exemplo para os alunos, não é professor pura e simplesmente porque ele prestou o vestibular, fez um curso de licenciatura, tirou o diploma, registrou-se no MEC, tirou a carteirinha, prestou um concurso, assinou um contrato, até aí tudo isso faz parte do aparelho burocrático; mas se o professor não entra em sala de aula

e não faz uma aula e não pratica uma aula, ele não é ainda professor, apesar de todos esses crachás que podemos pendurar no peito ou na parede.

Isso não me faz professor, eu só me torno professor se eu realmente atuo com a minha prática específica de educador e de professor. Então se a premissa é essa, se a existência é mediada pela prática e se o próprio pensamento, o próprio conhecimento é uma estratégia, é uma forma de desenvolvimento desta prática, é claro que o ensino, que a educação, que a aprendizagem, são também processos de prática. E não é só para a aprendizagem da ciência, ou para a aprendizagem da engenharia, da medicina. Desde os excelentes estágios que o estudante faz na medicina até os estágios mais ou menos falsificados que as vezes nós fazemos na licenciatura, não é só nestes casos, mas em todos os casos, o processo é de construção do conhecimento.

Mesmo quando damos aula de filosofia, que seria legitimamente o que melhor poderia se considerar uma atividade meramente contemplativa, este processo só funciona se o aluno, o aprendiz de filosofia, estiver junto com o professor, junto com seus colegas, junto com os antepassados, num processo de construção dos conceitos da filosofia.

Ao contrário do que fez a pedagogia tradicional, deveria ser absolutamente proibido decorar qualquer coisa; não se deve decorar, decorar é uma violência ao próprio processo do conhecimento. O que a pedagogia deveria ter nos ensinado, o que ela pode exigir de nós, é nos habilitar para acessarmos as fontes do conhecimento e para usarmos as ferramentas adequadas..

Na verdade, para se praticar um ensino assim baseado nessa postura de pesquisa, não é preciso estar em Massachussets ou num instituto cheio de laboratórios; é a postura e a mentalidade de construção de conhecimento que têm que estar presentes em qualquer disciplina, em qualquer aula, em qualquer momento, e isso é o fundamental do processo pedagógico que deve se implantar num determinado projeto; como a gente estava tentando nessa proposta de licenciatura de que os subsídios teóricos, a compreensão dos processos e, numa palavra, de que o conhecimento

derivasse, que ele decorresse desse investimento do estudante nesse processo prático de investigação.

Portanto, ainda que eu esteja dando uma aula de filosofia, ainda que houvesse no meu curso, neste currículo um componente de filosofia, o trabalho com esse componente procede sempre como processo de construção. Cada um de nós pode fazer esse auto teste e perguntar assim: o que ficou para mim do meu curso primário, o que ficou para mim do meu curso secundário, o que me sobrou da faculdade; acho que é uma experiência que todo professor pode fazer e com honestidade ele vai reconhecer que as coisas que resistiram à fragilidade da memória e à corrosão do tempo foram aquelas coisas que ele aprendeu construindo.

É por isso que é tão comum em nosso dia-a-dia, quando nós entrevistamos os alunos que chegam à faculdade para fazer pedagogia e quando conversamos sobre o curso normal que acabou há um ou dois anos e perguntamos assim: “O que você aprendeu de filosofia?”, silêncio geral, “Bom, sabe o nome do seu professor?” “Acho que era José”, “Como é que ele trabalhava?”, “Ele adotou um livro”, “Quem era o autor do livro?”, “Ah! isso eu não sei”, “O título do livro?”, “Também não me lembro”, “Não tem assim uma editora, alguma coisa...”, “Eu só sei que era um livro de capa vermelha”. Porque que ele só sabe que era um livro de capa vermelha? Porque foi a única experiência de aprendizagem que ele teve no fluxo da atividade mental. O lidar dele com a filosofia não foi o processo de construção, aí pegamos o histórico escolar e perguntamos: “Mas como? Você tirou novel!”, A resposta é fatal: “Nós decorávamos e respondíamos”. Com efeito, aprendemos muitas coisas para o cursinho, para o vestibular, no segundo grau, na faculdade, que vão desaparecer e que são de uma total instabilidade, não podem estar disponíveis, exatamente porque não foram resultado de um processo de construção.

O que nos interessa saber de cor, como eu aprendi no ginásio, as capitais de todos os países do mundo, ou as doze dinastias do Faraó? No meu tempo de escola, até fazia algum sentido, pois não se dispunha de fontes, mas se essas estão disponíveis, será muito mais importante aprender a consultá-las. O mesmo se aplica à famosa tabuada: deveria ser proibido

decorá-la, mas deviam nos ensinar a cada instante como consultar a tabuada e se isso fosse praticado, rotineiramente, o nosso cérebro acabaria incorporando essa tabuada e nós mesmos dispensaríamos a consulta como todos os demais hábitos que acabamos por adquirir.

Partindo da premissa de acordo com a qual o aprendizado é uma mediação, no caso da licenciatura, para situar o professor no mundo, na sociedade, no mundo do trabalho, no mundo da vida social, no mundo da cultura, ele só pode ser iniciado a isso se ele se apropriar do processo que levou à construção desse próprio mundo. Isso tem que ser feito através da prática. É verdade que na escola nós trabalhamos com as ferramentas simbólicas, daí o risco de nós estarmos escorregando para essa concepção representacionista do conhecimento, para as alienações que todo esse tipo de conhecimento nos traz, mas é preciso investir o máximo. Eu não me preocupo absolutamente com as grades curriculares, eu acho que qualquer componente curricular tem a sua importância, mas sozinho ele não diz nada, ele só funciona, só será fecundo se ele estiver exatamente articulado a esse processo; quando nós aparecemos o trem já está correndo, então é preciso correr atrás do trem e subir no vagão, e isso se faz através da aprendizagem, através do ensino.

A minha identificação com essa proposta de licenciatura, que foi uma proposta gestada interdisciplinarmente por pessoas de diversas áreas numa discussão muito franca, abrindo espaço inclusive para a filosofia, exatamente no sentido que a contribuição da filosofia para esse professor seria de ajudá-lo a compreender esses seu três níveis da prática como educador, como alguém que vai desenvolver um trabalho técnico, um trabalho produtivo; como alguém que vai inserir-se num tecido social, que vai entrar nas malhas da sociabilidade e como alguém que vai ser um funcionário, um agente da cultura.

O que nós estávamos querendo com os componentes de filosofia nesse currículo, nessa proposta, era não colocar aprioristicamente qualquer tipo de critério prévio, mas a partir dessa prática, dessa pesquisa que o aluno estaria fazendo na construção do conhecimento, que ele se voltasse sobre esta própria atividade, que é o conhecimento, e estar sempre

retomando “Afim, o que é esta minha prática de conhecer?”, que ele se voltasse continuamente sobre a sua prática de trabalhador, portanto de educador, numa determinada sociedade, inserido numa determinada parcela da humanidade e que ele refletisse também sobre o sentido, o significado da cultura, sobre o que significa o trabalho da educação, quando ele vai interagir com as novas gerações enquanto pertencente ao universo da cultura.

Nós invertíamos, a filosofia não aparecia como uma elencadora de proposições verdadeiras aprioristicamente mas como a utilização, como aquela nova pragmaticidade do conhecimento, quer dizer, um novo tipo de ação não imediatamente utilitário, mas com aquela capacidade de utilização dessa ferramenta para entender o conjunto do processo que ele estava desempenhando, **um processo evidentemente prático.**

Para minha surpresa e satisfação, essas discussões e contribuições filosóficas foram não só bem aceitas pelos colegas das diversas áreas, das áreas das ciências mas, sobretudo, incorporadas na própria proposta e no próprio tipo de trabalho. Ouvindo o professor Frota, eu fico contente em achar que tudo que ficou implícito no discurso dele, quando fala da experiência concreta do ensino de ciências, bate perfeitamente com essa idéia que tenho do conhecimento e do seu papel no processo ensino-aprendizagem.

Estes são os comentários que gostaria de apresentar sobre nossa proposta de licenciatura em ciências, referidos a algumas idéias sobre a natureza do conhecimento em situação curricular, que agora submeto à discussão dos presentes.

Obrigado a todos pela atenção.

DEBATE

Pergunta: A minha preocupação é a seguinte, eu trabalho na periferia de Campinas e trabalho com muitos professores do Estado e eles são mal pagos e toda a nossa conversa volta sempre para o professor. Dá a impressão que nós somos os últimos e temos a obrigação de mudar o mundo. Então a minha pergunta é assim: porque na fala de vocês não sai a crítica, por exemplo, ao sistema mais global que está ali e que está solapando gradativamente todos os valores que praticamente temos defendido. Será que de fato nós na sala de aula vamos poder reverter essa situação ou será que nós como universidades comunitárias ou estatais, teremos que fazer um trabalho mais amplo de denúncia daquilo que está acontecendo em nosso país, na América Latina, na África, na Ásia...? É uma preocupação que a mim está sempre perseguindo; eu tenho participado desde do início deste processo na Pucc, acho que ele é válido, mas eu ainda não estou convencido de que só a partir da sala de aula a gente consegue modificar. Gostaria de perguntar: será que nós não temos que fazer uma relação dialética entre a realidade da nossa participação mas também uma perspectiva mais ampla, política?

Resposta: Bom, no que me diz respeito acho que concordo plenamente com você, talvez até por falta de tempo a gente não pode desenvolver muito isso porque você vê que eu falo de três práticas, a prática técnica, produtiva, que é o mundo do trabalho, a prática política que é a esfera da sociabilidade e a prática simbolizadora, que é a prática da cultura. A gente encara o ensino como mediação da educação, então currículo para mim é mera mediação da educação e a educação, por sua vez, é mera mediação da existência, das práticas concretas da existência, isto é, a educação tem objetivos intrínsecos que se referem ao mundo do trabalho, inserindo as novas gerações no mundo do trabalho, no mundo da sociabilidade e no mundo da cultura. Estas mediações, graças às quais nós existimos,

somos e respiramos, que são as nossas relações com a natureza via trabalho, as nossas relações com os nossos semelhantes via política, e as relações com os nossos próprios produtos simbólicos via cultura, é aí que nós somos. Mas a educação, ao contrário da fábrica, a educação prepara para o trabalho, a educação é trabalho, mas é um trabalho diferente do trabalho que se faz na fábrica, porque na fábrica nós estamos enfatizando as relações com a natureza. A educação tem objetivos relacionados com a vida social e política, portanto com a transformação das relações de poder da sociedade, mas ela não faz isso do mesmo modo que faz o partido ou o sindicato, outras instituições. A educação trabalha com ferramentas simbólicas, isto é, trabalha com o conhecimento. Agora, para que ela possa preparar bem as novas gerações para o mundo do trabalho, da sociabilidade e da cultura, ela precisa ter essa competência que foi falada aqui. Na verdade, é uma faceta, para que eu possa ser um bom profissional e para que eu possa dominar o conhecimento que se exige de um professor, eu preciso fundamentalmente de competência, de conhecimento, e nós estávamos discutindo aqui a questão de como o processo pode me dar essa competência, como eu posso construir o conhecimento. Praticamente estávamos falando de pesquisa, mas isso não pode nos impedir de ter em vista o resto porque é preciso que eu, com o meu conhecimento, esclareça todo o sentido da existência, como é que se dá o mundo do trabalho, como é que se dão as relações políticas, como é que o poder se trama na nossa sociedade.

É óbvio que a educação sozinha não tem essa força, esse poder transformador, mas ela pode fazer alguma coisa e se não está fazendo, se esse mundo está do jeito que você está descrevendo, é muito porque o conhecimento não foi usado para modificar essa situação. A universidade falha muito na formação política, na formação crítica da juventude que sai daqui e vai reproduzir literalmente essa situação. Eu acho que

as três coisas estão ligadas, não se pode mudar o mundo só pela cultura, ou só pela economia ou só pela técnica; há necessariamente uma divisão técnica do trabalho sem perder de vista a divisão social. Nós trabalhamos a partir das nossas ferramentas que são as ferramentas simbólicas e que eu acho que o grande papel do conhecimento, hoje, é exatamente de esclarecer isso, de compreender que a sociedade não pode continuar desse jeito. Mas eu acho que a educação não tem conseguido fazer isso, ela não vem cumprindo o seu papel nesse jogo de forças que representa a própria história da sociedade humana.

Concordo com você, porque eu queria que a educação fosse a animação e a motivação para que nós não concordássemos e conseqüentemente mobilizássemos as outras energias, as outras forças para que essa sociedade não continuasse desse jeito, porque se muita gente não aprende, se muita criança não aprende, se muito ser humano não consegue se desempenhar na universidade, é também por reflexo destas relações que a sociedade mantém e que não quer mudar, obviamente. **Mas, não tenho a menor dúvida, o compromisso intrínseco da educação é mesmo a construção da cidadania, e para cumpri-lo, ela se servirá do conhecimento.**